



Apócrifos na história e consolidação do cristianismo hegemônico

A história do cristianismo revela-nos um contexto de negação e afirmação de verdades de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos d'Ele, defendeu seu ponto de vista. Havia disputa de poder no início do cristianismo, na forma de liderar e de ser testemunha da ressurreição. Uma vasta literatura formou-se ao

longo do processo de consolidação do cristianismo. Uma foi considerada inspirada, tornando-se canônica, e a outra levou a alcunha de apócrifa. A religiosidade popular conservou na memória os relatos apócrifos. A literatura inspirada terminou seu ciclo já no fim do século 1º. Já a apócrifa, no processo de consolidação do cristianismo, foi produzindo muitos modos de pensar divergentes, complementares ou alternativos ao cristianismo que se tornou hegemônico. Vejamos como isso ocorreu ao longo dos sete primeiros séculos do cristianismo.

O século 1º do cristianismo teve sua marca indelével na fé na ressurreição de Jesus, em meio aos conflitos com as comunidades judaicas. O apóstolo Paulo (5-67) disse que em vão seria nossa fé se Cristo não tivesse ressuscitado. As mulheres tiveram um papel fundamental nas primeiras comunidades. Elas assumiram funções de liderança. Foram apóstolas, profetisas, mestras e diaconisas. Paulo referiu-se a muitas delas assumindo esses papéis. Madalena e Maria, a mãe de Jesus, foram exemplos de liderança feminina nesse século. A pergunta que permanece é: por que Madalena não foi confirmada como apóstola? Foi ela quem viu primeiro o ressuscitado. Paulo, que não conheceu Cristo terreno, mas o viu ressuscitado, foi considerado apóstolo por causa disso. A perseguição romana foi tremenda para os cristãos, considerados pelo Império como grupo ilegal e segregado, que rejeitava os deuses romanos, protetores do Império, bem como seguiam um homem condenado e executado por ter feito magia. A caça aos cristãos era até incentivada pelo Império. Na outra ponta da linha, o cristianismo rompeu com o judaísmo, que se firmou na corrente farisaica do rabi Akiba (50-135). Vários cristianismos, vários modos de conceber a mensagem de Jesus marcaram o primeiro século. No fim do século 1º, a Igreja tinha consciência de sua edificação no fundamento dos doze apóstolos¹, mas foi somente

Santos Paulo e Pedro, Carlo Crivelli

nos séculos seguintes que tal fator se tornou preponderante para sua constituição. O cristianismo apócrifo do século 1º não foi tão marcante em questões apologéticas, como foi o do século 2º em diante. Ele foi complementar em relação às questões da sucessão apostólica e de rejeição ao judaísmo, e alternativo na proposta de cristianismo revolucionário em relação ao Império Romano.

O cristianismo apócrifo do século 2º foi, com toda a certeza, o mais rico de todos eles. Quando tudo parecia resolvido com a literatura canônica, embora esta ainda não pudesse ser assim considerada, surgiram nada menos que 34 outros livros para expressar ideias complementares, aberrantes e alternativas ao cristianismo, que se tornaria hegemônico. A curiosidade dos cristãos sobre fatos da vida de Jesus, que não tinham sido contemplados nos quatro evangelhos e cartas, produziu textos, imaginou

O cristianismo vencedor das disputas teológicas foi aquele que firmou raízes no Império Romano e chegou até nós. Por isso, é também chamado de romano e católico, por ter sido anunciado a todo o mundo, com base nos ensinamentos dos apóstolos, sobretudo Pedro e Paulo. Nasceu, assim, a cristandade, fundamentada no cristianismo apostólico, que se tornou hegemônico

episódios e, sobretudo, criou cristianismos, fundamentou outros. O cristianismo gnóstico, de origem anterior ao cristianismo, consolidou-se nesse período. Esse foi, certamente, a mais forte oposição ao cristianismo hegemônico, que usou até de artifícios não muito salutares para diminuir a força e o papel evangelizador desses seus opositores. Testemunhos mostram como a doutrina e a conduta moral deles eram duramente atacadas². O cristianismo gnóstico era para poucos. Somente alguns, aqueles que possuíam a centelha da luz, poderiam atingir a salvação gnóstica. O gnosticismo era um cristianismo elitizado. Os cristianismos apócrifos gnósticos, ao negar a ressurreição de Jesus, quiseram, com isso, negar a autoridade apostólica dos bispos, os quais fundamentavam seu poder eclesial em Pedro (1 a.C.-67 d.C.), que primeiro viu e afirmou que Cristo ressuscitou. Pedro, por causa disso, reivindicava para si o exercício exclusivo da liderança sobre as igrejas³. A autoridade de Cristo foi repassada ao papa,

aos bispos e aos padres. A liderança exercida pelas mulheres entre os cristãos gnósticos marcionitas, *carpocráticos* e montanistas, como profetisas, sacerdotisas, bispas e mestras, foi banida no cristianismo hegemônico, já no final do século 2º. A partir daí, quem concedesse poder às mulheres seria considerado herético. A tentativa de

estabelecer um cânone de livros inspirados foi uma arma utilizada pelo cristianismo hegemônico contra os vários grupos heréticos. O fato de Marciano (85-160) rejeitar as cartas paulinas fez que as cartas pastorais fossem também atribuídas a Paulo. O evangelho de João, por ser usado pelos montanistas, quase não entrou no cânone. Entrou porque foram atribuídas a ele três epístolas consideradas inspiradas, tirando a possibilidade para a heresia⁴. Rejeitando posicionamentos extremistas, purificando-se de outros, penetrando em várias camadas da sociedade, buscando preservar uma unidade de pensamento na transmissão dos ensinamentos de Jesus, o cristianismo que se tornou hegemônico foi-se estabelecendo em uma única igreja. Erraram os gnósticos ao negar a divindade de Jesus, sua encarnação e redenção. Erraram os hegemônicos quando eliminaram todos aqueles que pensavam de modo diferente, fortalecendo-se em poder de uma instituição, a partir de discussões apologéticas, mesmo que a instituição seja necessária e positiva.

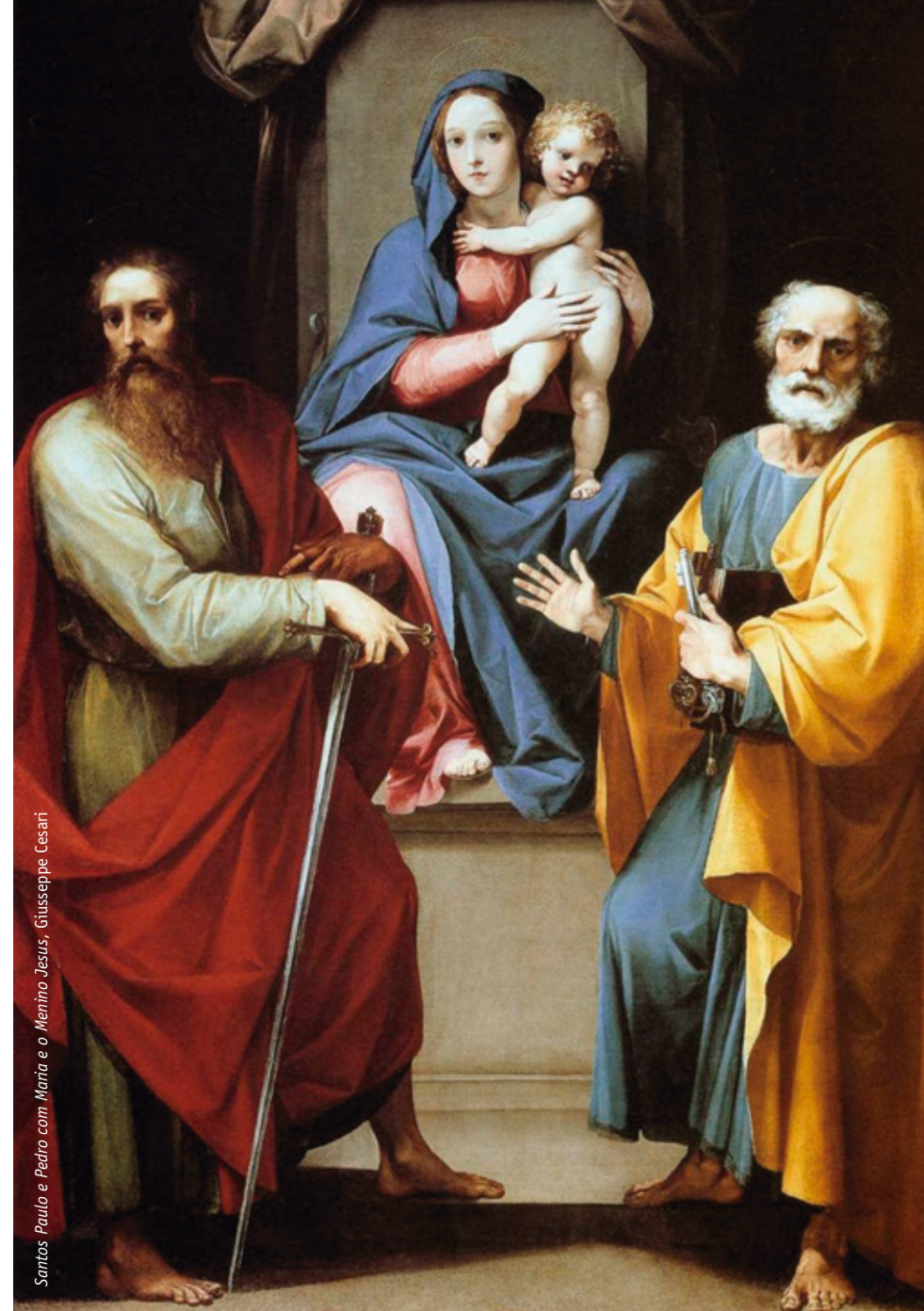
O século 3º marcou uma nova e importante fase do cristianismo hegemônico. Nessa época, as comunidades e o clero escolheram seu bispo, que deveria ser ordenado em uma celebração litúrgica. Para legitimar Roma como a nova sede do cristianismo, Paulo e Pedro foram considerados os maiores apóstolos do cristianismo, passando ter seus nomes identificados e mencionados sempre em relação a essa cidade. Esse século marcou o início de um cristianismo hierárquico, de sucessão apostólica, pró-Roma, com

sacramentos, pregações e uma possível lista de livros inspirados. Tudo isso conferiu autoridade ao cristianismo, que se tornaria a religião do Império, no século posterior.

No século 4º, o cristianismo apócrifo continuou legitimando o cristianismo hegemônico. O papel de Maria ganhou destaque. Esse século serviu também para consolidar a questão da sexualidade como caminho de salvação. Se, nos séculos anteriores, deixar de casar reforçaria uma iminente parusia, nesse momento, o celibato e a virgindade foram louvados e propagados como o melhor caminho para a salvação do cristão. O matrimônio era apenas tolerado, um grau menos pecaminoso que a fornicação, como dizia São Jerônimo (347-420). O culto a Maria, a Virgem mãe, foi propagado como o modelo de pureza sexual e espiritual.

No século 5º, enquanto a Igreja se mostrava forte, o Império Romano parecia fragmentado em termos políticos, militares e administrativos. O culto a Maria e aos santos difundiu-se com força entre as comunidades. Maria era o modelo de mulher virgem que devia ser seguido por todos. Em 451, o Concílio de Calcedônia proclamou as duas naturezas na única pessoa de Cristo. O cristianismo apócrifo desse século, entre outras contribuições, consolidou a ideia da culpa impetrada aos judeus pela morte de Jesus.

No século 6º, o cristianismo apócrifo fortaleceu o cristianismo apostólico hegemônico e a piedade mariana. Seguindo o pensar teológico desse século, a literatura apócrifa, a partir do século 7º, reforçou a piedade mariana e a conversão do Império Romano ao cristianismo, com consequente condenação dos judeus. Tendo percorrido os sete séculos do cristianismo, concluímos que, até o século 3º, ele conviveu com diversas teorias e teologias. O cristianismo apócrifo gnóstico, principal opositor daquele que se tornou hegemônico, era também multiforme; por isso, ele se enfraqueceu e foi vencido. No cristianismo hegemônico, a trajetória foi diversa. Ele conseguiu agregar vários modos de pensar teológico. Assim, no século 4º, um ramo do cristianismo tornou-se o oficial e hegemônico. Os outros foram subjugados a ele, expulsos e cunhados de heréticos, pois pensavam diferente do que fora estabelecido como verdadeiro. A história foi reescrita pelo grupo vitorioso, de modo que parecesse que assim já era desde os tempos apostólicos⁵. O



Santos Paulo e Pedro com Maria e o Menino Jesus, Giuseppe Cesari

cristianismo vencedor das disputas teológicas foi aquele que firmou raízes no Império Romano e chegou até nós. Por isso, é também chamado de romano e católico, por ter sido anunciado a todo o mundo, com base nos ensinamentos dos apóstolos, sobretudo Pedro e Paulo. Nasceu, assim, a cristandade, fundamentada no cristianismo apostólico, que se tornou hegemônico, estabelecendo, ao longo de séculos, dez ações, como:

1) Provou ao Império Romano a sua antiguidade a partir do judaísmo, sendo a realização das promessas do Primeiro Testamento.

- 2) Rompeu com o judaísmo como religião.
- 3) Criou uma igreja e um bispo homem, eliminando o poder de direção institucional das mulheres.
- 4) Colocou um bispo romano para todas as igrejas.
- 5) Criou comunhão universal na fé apostólica com todas as igrejas, tornando-se católico.
- 6) Estabeleceu um credo de fé apostólico.
- 7) Eliminou os vários outros modos de conceber o cristianismo, sobretudo aqueles cognominados de apócrifos aberrantes, complementares ou alternativos.

- 8) Utilizou tradições apócrifas complementares em seus dogmas de fé.
- 9) Determinou a lista dos livros inspirados.
- 10) Fundamentou, nos canônicos e na tradição apostólica, a fé em Jesus ressuscitado, humano, divino e trinitário.

O cristianismo hegemônico venceu vários tipos de cristianismos propostos, mas não conseguiu eliminar todos eles. Muitas de nossas práticas e profissões de fé cristã têm também seus fundamentos nas origens apócrifas do cristianismo. Na maioria das vezes, nem temos consciência disso. Cito apenas algumas, como: aceitação do Primeiro Testamento judaico como literatura inspirada; a humanidade e a divindade de Jesus; posturas antijudaicas; o desprezo pelo corpo e a visão negativa do sexo; a luta para escapar do mundo material com práticas ascéticas⁶; devoções marianas; vivência intimista e individualizada da fé sem a necessidade de uma estrutura eclesial e hierárquica. Mesmo tendo assimilado pensamentos apócrifos, o cristianismo hegemônico condenou movimentos e pessoas e até mesmo chegou a acusá-los de heresias. Muitas vezes, nem todo o pensamento de um grupo, só alguns elementos eram heréticos. Entre esses grupos, não podemos esquecer os ebionitas, os marcionitas, os montanistas e os adocionistas. Entre os ilustres teólogos condenados, destacam-se Tertuliano (160-220) e Orígenes (182-254).

REFERÊNCIAS

¹ MATOS, Henrique José Cristiano. *Introdução à história da Igreja*. 2. ed. Belo Horizonte: Lutador, 1997. p. 40. v. 1.
² JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 66-67
³ PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 38.
⁴ JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 71.
⁵ EHRMAN, Bart D. *Evangelhos perdidos: as batalhas pela escritura e o cristianismo que não chegamos a conhecer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 253.
⁶ *Ibidem*, p. 363-365.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal